



MÉDIA DIÁRIA DA TIRAGEM NO MÊS DE MAIO : 73 607

ÚLTIMA PÁGINA

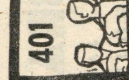
Propriedade da Empresa do «Jornal de Notícias» — Redacção, Administração e Oficinas na Rua de Gonçalo Cristóvão, 195-219, e delegação na Rua do Passos Manuel, 23-25 — Tel. 381331 (PPC 10 linhas), Telexes 22226 e 22122, End, Teleg. NOTÍCIAS PORTO; Filiais em LISBOA (R. da Misericórdia, 17-1, Esq. — Tel. 322269, Telex 12768); BRAGA (Largo do Barão de S. Martinho — Tel. 22566, Telex 32106); COIMBRA (Av. Fernão de Magalhães, 240-1.º — Tel. 23238, Telex 13246); VIANA DO CASTELO (Av. dos Combateiros, 260 — Tel. 22787, Telex 22293); AVEIRO (Av. Dr. Lourenço Peixinho, 54-2.º — Tel. 26006, Telex 23306); VILA REAL (Av. Carvalho Araújo, 33-2.º, s/D — Tel. 24112, ANADIA (L. go Município, 12-1.º/D — Tel. 52489 e VISEU (Rua João Mendes, 72 — Tel. 24662, Telex 15752) CÓDIGOS POSTAIS : 4052 PORTO Codex; 1200 LISBOA; 4700 BRAGA; 3000 COIMBRA; 4900 VIANA DO CASTELO; 3800 AVEIRO; 5000 VILA REAL; 3780 ANADIA; 3500 VISEU

O segundo número da Gazeta do Mês referente a Junho, continua a pugnar por uma nova esquerda e a denunciação dos vícios e os abusos da reinstalação burguesa no país, dando, neste segundo número, especial ênfase ao domínio da informação. Esta veemência e esta coerência eram necessárias no panorama do jornalismo de ideias e comentarista no hossa país onde os jornais, para lá de certos jogos mais ecléticos e autovigilados, têm sido preferentemente concebidos como instrumentos de formação ideológica e menos como lugares de original reflexão e problematização e de esclarecedora, ainda que incomodativa, informação.

O director, num dos seus textos («Resistir» e «re-existir») esboça algumas das linhas preferenciais dessa nova esquerda, denunciando os «novos populismos» como doutrinas identificáveis com categorias sociais dominantes ou exploradas a que se não pertence, ou a «mentalidade complexada» dos que, sozinhos, por não serem operários, ou que pensam que a mulher (ou o jovem, ou o homossexual, ou o árabe, ou o africano) «têm sempre razão», assim como denuncia a pesquisa obsessiva do «subversivo em si», que nada mais é que uma «comodidade-fuga», já que «só pode haver «subversivo em nós».

foi o que nos ensinaram e com que nos quisermos domesticar».

Estou a referir-me aos inconvenientes de atitudes que considero necessárias, não estou a rejeitar os pressupostos teóricos dessas atitudes. Evoluir a esquerda é precisa para corrigir e fazer evoluir dentro das suas linhas estruturais as esquerdas que há, mas não acredito muito que se lhes venha a substituir, a não ser a longo prazo e em outro contexto político e cultural. Lamentar, pois, um jogo de nova esquerda em que não houvesse um mínimo da humorada consciência de que se trata de um jogo, ou melhor de um jogo em que essa consciência é necessária a corrigir-he uma excessiva convicção de poder total de rotura, o qual, segundo penso, não reside para já na política, e portanto nessa palavra nova anteposta à palavra esquerda mas na matéria cultural que esta posição política tenta compreensivelmente e desejavelmente recuperar para um tratamento preferencialmente político para uma globalização de tipo marxista, que ela mesma (a matéria cultural nova como a entendo) rejeita em termos filosóficos mas



401

# Seu cidadão

## «A GAZETA DO MÊS» E A POLÍTICA E A CULTURA

Por NUNO TEIXEIRA NEVES

admite no historicamente relativo das práticas políticas

Ora eu, ao contrário do que escreve o director da Gazeta do Mês, não quero reduzir a esquerda ao «campo cultural», o que seria quase contratório porque esquerda é normalmente um conceito político. Nem quero, fora uma partilha de jogos, coisa nenhuma. Apenas sugeri alguns problemas para que se tivesse em atenção a «necessidade e interesse de uma posição diferente, de um jogo diferente: o de um luta cultural autónoma, em que a força da cultura se aplicaria integral e integradamente de acordo com a sua funcional especificidade, dentro do seu autónomo sistema de globalização, dessa autonomia retirando todas as vantagens (e assumindo, evidentemente, todas as desvantagens) e todo o poder de irradiação sobre o político, o económico e o social.

Não se trata de compartimentar política e cultura, trata-se só de reconhecer que há vários modelos de globalização dos comportamentos humanos, trata-se de ultrapassar o monismo da concepção marxista da praxis, trata-se de aceitar o jogo de várias «totalidades fragmentárias», tratando de não ignorar que a totalização do homem só

já disso, que me há em que para lutar contra a poluição duma fábrica, ombreemos com um burguês monarquico se, para lutar contra os depósitos nessa mesma fábrica temos que ombrear com um trabalhador que talvez se esteja nas tintas para a sorte dos dissidentes soviéticos, mesmo que sejam de esquerda?

Tomando este entendimento duma funcional especificidade e duma estratégia independentes do cultural face ao político como uma dilaceração alienante do homem, João Martins Pereira parece sugerir que a identifica com a recusa, ainda persistente na nossa sociedade, do não-sofrimento. Ora eu se admito uma certa perda momentânea do político para ganhar no cultural é que também admito uma certa perda momentânea do cultural para ganhar no político. Assim como admito as recusas momentâneas dessas duas perdas para ganhar nos avanços da convergência do cultural e do político. E até semelhantes manobras, mais definitivas, em estratégias e destinos pessoais. Será isto recusar o não-sofrimento, será masculinismo um quadro mais largo e mais dinâmico da compreensão da praxis? Dentro do que tenho também evidentemente a minha própria exigência de globalidade...

Mas João Martins Pereira para distinguir-se do meu ponto de vista acaba por aproximar-se dele: «Somos — escreve — talvez mais filhos da Igreja do que do capitalismo». Certo. Mas precisamente porque, concentrando-nos na luta predominantemente política, deixamos (o que em certo momento histórico era inevitável) a Igreja, o povo e em nós, o monopólio, visível ou oculto, do cultural. E se surpreendemos melhor os seus compromissos políticos é porque também sobre os nossos compromissos exercitamos a nossa consciência, mas entendemos menos bem a eficácia de algo, muito diluído hoje e sofismado, mas actualizável e aclarável, de um jogo de independência da sua doutrina e sobretudo da sua simbólica. Refiro-me à Igreja, evidentemente.

Ora é para um semelhante jogo de dependência-independência (de implicação e rotura) do cultural relativamente ao político que apontamos as minhas palavras, neste como no anterior artigo. Mas se negarmos sistematicamente nos outros (no conjunto dos cristãos, por exemplo) a possibilidade desse jogo, como o entenderemos em nós?

# BRASIL E O SEU CARÁCTER «MACUNAIMA» NA EUROPA

Por JOSÉ ESTEVES REI correspondente JN em Zurique

CONTECU dia 13, em Basileia, Está a acontecer em diversas cidades da Europa, um espectáculo novo, em teatro: uma perquinha velha de 500 anos, formada pelos modernistas brasileiros, por de 22 na pessoa de Mério de Andrade: «Macunaima», actores: público, Brasil, toda a América Latina, a Civilização Ocidental — Portugal e Espanha particularmente — são aí questionados. Mitos, crenças, aculturas, dramas e muita, muita vida, na pergunta gritada de um povo (de muitos povos): Quem somos?

«O Brasil, hoje, é isso, uma mistura de tudo, nada definido. E essa mistura de raças: portugueses, africanos, índios, outros europeus — franceses, ingleses, alemães, italianos... esses três tipos humanos do livro: o índio, o preto e o branco».

# SÃO JOÃO SERTANEJO

Por AURORA JARDIM

Dia resplendente de sol quente, o que não quer dizer que, daí a pouco, os anjos do céu não desçam a deitar água cá para baixo. E assim